

Reflexões sobre a fé em dois momentos

Maria Inês Chaves Preza Freitas

Resumo: O conceito de fé, segundo a teologia católica é, de certo modo, estritamente um conceito intelectual da fé desenvolvido pela teologia de cunho nitidamente racional da Idade Média. Mais tarde, a Reforma levantou muitas controvérsias sobre esse conceito. A noção bíblica de fé, que precede a todos esses movimentos, não é tão rigidamente intelectual; apesar de comportar elementos racionais, a fé bíblica, vista como um todo, é um ato psíquico mais amplo. Então, o que é, afinal, a fé? Se Jesus disse que se amarmos o próximo, já estaremos vivendo o Reino aqui na Terra, então, fé e amor, caminham juntos? A Graça de Deus é o grande tema dos melhores pregadores, ao passo que a fé do homem é o tema cotidiano da sua vida, ou não existe. Na realidade, os homens sempre alimentam sua fé com o amor daqueles que os amam. Mas, se não podemos entender que haja homens e mulheres vivendo por fé e também por amor, será, por acaso, mais fácil entender que haja homens e mulheres vivendo prazerosos no ódio, na destruição, na mentira, ou no egoísmo?

Palavras-chave: Fé. Necessidade. Amor. Caminhar. Graça de Deus.

Abstract: The concept of faith according to Catholic theology is, in a sense, strictly an intellectual concept of faith developed by the sharply rational theology of the Middle Age. Later, the Reformation raised many controversies about this concept. The biblical notion of faith, which precedes all these movements, is not so rigidly intellectual. Although it bears rational elements, biblical faith, when it is seen as a whole unit, is a broader psychic act. So what, after all, is faith? If Jesus said that if we love our neighbor, we will already be living the Kingdom here on Earth, so do faith and love walk together? The Grace of God is the great theme of the best preachers, while man's faith is the daily theme of his life, or it does not exist. In fact, men always nourish their faith with the love of those who love them. But if we can not understand that there are men and women living by faith and also by love, is it any easier to understand that there are men and women living in pleasure, hate, destruction, lie, or selfishness?

Keywords: Faith. Need. Love. Walk. God's grace.

I - Introdução:

Certa feita, perguntaram-me: “O que é a fé?” “A fé é necessária ao humano?”. Olhei para a pessoa, refleti e lhe contrapus: “Você tem fé em algo, em alguém? A que fé você se refere? O que você entende por fé?” E a pessoa respondeu-me: “Tenho fé em Jesus Cristo, mas não sei responder a sua última pergunta.” E, eu lhe disse: “Daqui há duas semanas, vou fazer um encontro para responder perguntas sobre o que é a fé e a necessidade da fé. Vá até lá. Pois bem, o resultado deste encontro, com tantas questões sobre o tema, não me deixou alternativa: escrever sobre a fé bíblica.

II – Desenvolvimento: A fé e a necessidade da fé

A teologia católica define fé, de acordo com Tomás de Aquino, “o ato do intelecto que assente à verdade divina, sob a influência da vontade movida por Deus mediante a

graça” (II. II. Q. 2ª. 9. Item 3, pág. 70). Esse conceito, de certo modo estritamente intelectual da fé, foi desenvolvido pela teologia de cunho nitidamente racional da Idade Média. Mais tarde, a Reforma levantou muitas controvérsias sobre esse conceito. A partir daqui, passou, então, a afirmar que a fé é um ato de confiança; dessa forma, a teologia católica enfatizou ainda mais a característica intelectual da fé. A noção bíblica de fé, que precede a todos esses movimentos, não é tão rigidamente intelectual. Apesar de comportar elementos racionais, a fé bíblica, vista como um todo, é um ato psíquico mais amplo do que o ato de fé definido pelo santo Tomás de Aquino.

Em Gênesis 15, 6, no Antigo Testamento, encontramos: “Ele creu no Senhor, e lhe foi tido em conta de justiça”. Esse é um dos versículos mais significativos da Escritura e, naquela circunstância, denota uma resposta inspirada por uma grande fé. São Paulo em Gálatas 3, 6, ensina que, como no caso de Abraão, também nossa posição diante de Deus depende inteiramente da fé. Como Abraão, tampouco nós podemos conquistar um lugar no céu apenas com “nossas” boas ações

O termo, assim, usado em Gênesis a respeito de Deus significa que Deus é NE’EMAN, seguro ou fiel (Weiser) e, particularmente, afirma-se que Deus é seguro e fiel se aceitamos a sua promessa. Encontramos, no profeta Hababuc (2; 4), a noção de fé como ‘um estilo de vida’, ou seja, quando se acertarem as contas finais, só o homem que confia em Deus e lhe permanece fiel, viverá. Deus punirá a arrogância e o orgulho de cada indivíduo. Malditos aqueles que arrebatam avidamente o que pertence aos demais, que justificam os meios mais cruéis para seus objetivos egoístas, que fazem a escalada ao poder pisando sobre os outros, que destroem e desumanizam, que adoram ídolos feitos por mãos de homem. A vida de todos estes está perdida, seja qual for sua nacionalidade.

Hababuc pronuncia uma prece centrada na pessoa de Deus, que se aproxima vindo das montanhas do deserto meridional (Tema fica em Edom; Fará faz parte do Sinai), que está envolto nos trovões e nos relâmpagos da tempestade da sua ira e que faz tremer o mundo com um simples olhar. Hababuc vê a inevitabilidade daquele juízo atroz. Seja como for, mesmo que ele signifique a perda de todo bem da vida, é mister continuar tendo confiança, fé no Senhor.

O profeta Isaías (28,16) afirma que aquele que crê, não deve se inquietar. A finalidade da fé pedida por Isaías mostra que fé é uma total sujeição a Iahweh, uma

renúncia aos recursos seculares e materiais, uma procura de segurança somente na vontade salvadora de Deus. Isto é aceitá-lo realmente como verdadeiro e genuíno.

Normalmente a qualidade intelectual da fé como é exposta na teologia moderna católica (cf. CIC § 162) é expressa no AT (Antigo Testamento) como “conhecer a Deus”, o que não é conhecimento especulativo, mas experiência de Deus através de sua palavra revelada e de seus atos de salvação. O termo comum para descrever a resposta do homem não é “crer”, mas “ouvir” no sentido de “estar atento”, isto é, ouvir de modo a aceitar e obedecer.

No NT (Novo Testamento), o próprio Jesus exige fé (Mt 9, 28; Mc 4, 36; Lc 8, 25), louva a fé (Mt 8, 10; Lc 7, 9) e afirma que foi a fé que salvou (Mt 9, 22; Mc 5, 34; Lc 8, 48) – no contexto, trata-se de uma doença que é miraculosamente curada. Para quem crê tudo é possível; e mesmo uma pequena quantidade de fé pode mover montanhas e fazer outros milagres (Mt 17,20; 21, 21). Nos seus termos mais simples e gerais, a fé é uma aceitação do próprio Jesus como sendo o que Ele proclama ser. Implícita nesta aceitação está a adesão ao poder que Ele mostra possuir; esta é a fé que move montanhas.

A fé dos evangelhos sinóticos, como a fé do AT, não é simplesmente crença e confiança; crença e confiança surgem da fé, que, por sua vez, é aceitação de uma pessoa e de suas exigências. Em João, o sentido da fé tem algumas peculiaridades próprias. Fé para João é também fé no Filho do Homem (Jo 9, 36.38), em Jesus (Jo 11, 45.48); mas o objeto da fé é freqüentemente mais explícito. É a fé de que Jesus vem de Deus (Jo 16, 30), de que Ele é o bendito de Deus (Jo 6, 69), de que Ele é o Messias (Jo 11,27). Só em João se fala de fé nas palavras de Jesus (Jo 2, 22; 5, 47; 8,45). Aqueles que ouvem os apóstolos crerão na palavra dos apóstolos (Jo 17,20); a fé, segundo João, também é a fé na pregação. A fé no Filho dá a vida (Jo 3, 36). Aquele que não crê já está condenado (Jo 3, 18s).

Quando a pregação é proferida, e em particular quando Jesus se apresenta, pode-se recusar a crer pelo simples fato que se recusa renunciar ao mundo. Assim como Paulo diz que o cristão caminha pela fé e não pela visão, também em Jo a fé é louvada quando ela é cega (Jo 20,29). Em João, é obra de fé (1 Jo 3, 23) também o amor ao próximo. A importância da fé no cristianismo primitivo aparece claramente do uso do termo nos Atos. A pregação cristã primitiva tem algo de surpreendente: não proclama deveres religiosos, normas morais ou um programa de reforma, mas uma pessoa: Jesus, que foi crucificado e que os cristãos sabem que está vivo.

Os primeiros cristãos sublinham não só aquilo que Deus fez para os homens através de Cristo, mas também o que ele oferece (nova vida no Espírito Santo, perdão dos pecados), e o que exige (arrependimento, fé e compromisso). Esse compromisso comporta três elementos inseparáveis: batismo, fé e recepção do Espírito Santo, as três coisas que constituem o cristianismo. Os Atos nos mostram bem que profundidade havia atingido a pregação primitiva e, pelos termos que usam, nos indicam como os cristãos agiam como arautos, doutores, polemistas; como refletiam sobre a boa nova, debatiam-na, testemunhavam-na e mostravam como ela se harmonizava bem com as Escrituras veterotestamentárias. A pregação não era tarefa de uma categoria só: as mulheres falavam dela na lavanderia pública, os filósofos discutiam sobre o evangelho nas esquinas, os prisioneiros tornavam-na conhecido aos companheiros. Homens de toda a condição e cultura demonstravam seu poder com sua vida transformada (ver Coríntios 6, 9-11) e com alegre aceitação de sofrimento e da morte (ver Atos 20, 22-24).

A nova mensagem era recomendada por tudo isso; suas afirmações eram convalidadas pelo poder manifestado pelo Espírito na sua vida social e pessoal. Além disso, seu êxito foi amplamente favorecido pelo fato de terem sabido interpretar Jesus de diversos modos, correspondendo a necessidades diversas, sem estreiteza de mente, mas também sem cair por isso no “sincretismo”, porque não disseram que as outras concepções religiosas poderiam combinar-se com a nova fé. Os cristãos souberam exprimir sua fé com grande flexibilidade e conservar ao mesmo tempo o seu conteúdo.

Por exemplo, a pregação do “reino de Deus” por parte de Jesus podia dizer muitas coisas a um auditório judaico, mas podia ter graves implicações políticas em outros lugares, e assim os primeiros pregadores preferiram usar outras expressões do Senhor, como “vida eterna” ou “salvação”. Na interpretação da pessoa de seu Mestre, usaram a linguagem e as formas de pensamento familiares aos que procuravam atingir, com o fito de fazê-los compreender de modo claro a obra do único salvador, Jesus, filho de Deus, crucificado e ressuscitado, objeto de sua veneração e de sua pregação.

Antes do nascimento da Igreja cristã, o judaísmo era indubitavelmente a doutrina religiosa e moral mais elevada do mundo antigo. Muitos pagãos que refletiam tornavam-se prosélitos, aderindo à fé judaica, justamente porque estavam insatisfeitos com as religiões pagãs. Nas suas viagens missionárias, Paulo fez muitos convertidos no seio deste grupo crescente de pagãos sedentos de verdade. Entre as várias cartas que escreveu aos povos, a

carta aos Hebreus afirma a superioridade de Cristo sobre o judaísmo, mostrando que o velho sistema cultural encontrou seu cumprimento espiritual no cristianismo.

O mundo é corrupto e malvado. A única resposta a esta situação é constituída pelo início completamente novo trazido por Cristo, pela nova era por ele instaurada; os cristãos são aqueles que têm fé na sua soberania. O grande tema desenvolvido ou simplesmente esboçado pelas cartas é a nova criação, a vida eterna, a salvação. A vida em Cristo comporta uma nova moralidade, uma vida que não seja como a pagã, mas conforme a lei divina do amor, uma nova moralidade a ser vivida não só no interior da Igreja, no seio da nova comunidade, mas também no mundo.

Na carta aos Romanos, é a fé em Cristo, como único motivo da aceitação da parte de Deus, que trata todos os homens de modo igual, judeus e gentios. A boa nova de Deus não é fim em si mesmo, mas visa a transformar as relações humanas – tornando possível a judeus e gentios tratarem-se como iguais na Igreja – e a impregnar cada aspecto da vida cotidiana (Romanos, capítulos 12-13).

O influxo exercido por essa epístola tem sido enorme. Ela inflamou grandes homens – Santo Agostinho, Lutero, Karl Barth⁷ – e através deles tem modelado a história da Igreja, assim como tem influído na vida de inúmeros indivíduos anônimos, homens e mulheres simples que, ao lê-la, acreditaram na sua mensagem e agiram em consequência. No cap. 1, 17, Paulo afirma que a salvação é uma questão de fé, do começo ao fim. Cita o profeta Hababuc para mostrar que o justo é salvo através da fé.

Paulo afirma que Deus só põe uma condição para oferecer a salvação – a vida – a homens e mulheres: uma declaração aberta de fé no Cristo ressuscitado e Senhor (Rm 10, 5-13; Fl 2, 11). Na 1ª Carta aos Coríntios, Paulo afirma que a ressurreição de Cristo é de primária importância e não uma verdade secundária facultativa. A fé cristã com ela fica de pé, sem ela desmorona. Aos Gálatas, Paulo diz que quem troca a liberdade cristã pela lei judaica é um tolo. Os judeus pretendem transformar os pagãos em filhos de Abraão com o rito da circuncisão, mas os cristãos provenientes do paganismo já são filhos e herdeiros de Abraão, porque compartilham de sua fé (Gl 3, 7.29). Deus aceitara Abraão séculos antes de dar a lei através de Moisés, por isso como pode a lei garantir sozinha o perdão ao homem (3, 15-18)? A lei existiu como um vínculo temporário, até que a promessa feita a Abraão se cumprisse com a vinda de Cristo (3, 19-24). Agora a fé Nele nos torna todos filhos de Deus, sem distinção de raça, sexo ou condição social.

Aos Efésios, Paulo (ou talvez outro personagem) afirma que a unidade cristã é uma realidade. Estamos unidos por uma fé, uma vida, um compromisso e um fim comum. Servimos a um só Senhor. Ele é a cabeça e nós somos os membros de um único corpo (Ef 4, 1 ss). Escrevendo a Timóteo, o autor (não Paulo – 9 *ibid*) afirma: “a fé cristã é dom de Deus, não obra do homem (1 Tm 3, 9). Na Carta aos Hebreus, o autor (não sabemos quemé – 10 *ibid*.) explica-lhes a relação existente entre Cristo e tudo quanto o precedeu na história religiosa de Israel. A vida cristã não é fácil (10, 32 ss), exige coragem e perseverança, mas é infinitamente digna de ser vivida. Se voltarmos atrás, estamos perdidos, eternamente perdidos. Se perseverarmos e continuarmos a confiar, Deus nos darão que prometeu. Esta confiança, esta fé não é aquela dos primeiros passos incertos do homem para Deus, mas sim uma atitude de confiança e de abandono à palavra de Deus quedura toda a vida. Ter fé significa ter a certeza de coisas futuras, de realidades não vistas (11,1), não a certeza do aqui e do agora, das coisas tangíveis.

O AT, diz o autor de Hebreus, é rico de exemplos de personagens que possuíam uma fé assim e que viveram em conformidade com ela. Deus no-los deu a conhecer, ufana-se deles e de ser conhecido como o Deus deles (11,16). Todos olhavam para o tempo em que Deus haveria de cumprir suas promessas, mas nenhum viveu tanto que pudesse ver sua realização (11,13). Isto porque Deus decidira nelas incluir também a nós, para salvar e levar à perfeição através de Cristo todos os membros do seu povo (11, 39-40). Abel demonstrou sua fé, e foi morto (Gn 4). Enoc caminhou na fé, e viveu (Gn 5, 21-24). A féde Noé salvou sua família (Gn 6-8).

A fé de Abraão tirou o patriarca de sua vida sedentária na pátria (Gn 12, 1-7), fez dele um estrangeiro e um refugiado e levou-o a sacrificar voluntariamente o último filho, confiante que Deus o restituiria à vida (Gn 22). Isaac, Jacó e José demonstraram, por sua vez, todos eles a sua fé em Deus e na sua promessa (Gn 27; 48; 50, 24-25). A fé leva a melhor sobre o medo (23) e impeliu Moisés a abandonar a corte e associar-se a um povo de escravos (Ex 2; 12; 14). Jericó foi conquistada graças à fé, não a uma força militar superior (Js 2 e 6). E assim se poderia prosseguir com os juízes Gedeão (Jz 6-7), Barac (Jz 4), Sansão (Jz 11-12), com o rei Davi e com os profetas. A fé salvou Daniel dos leões (Hb11, 33; Dn 6) e permitiu a Elias e a Eliseu ressuscitar mortos (Hb 11, 35; 1 Rs 17; 2 Rs 4). Em resposta à fé, Deus concedeu aos homens grandes triunfos e vitórias, mas nem sempre. Dãoem igual medida prova de fé também os que por ela suportam a prisão, a tortura e a morte.

Jeremias foi espancado e preso (Hb 36; Jr 38), diz-se que Isaías morreu serrado ao meio (Hb 37), e Zacarias foi apedrejado (Hb 37; 2Cr 24), e a lista poderia continuar.

Esses heróis da fé observam-nos, apinham-se a nossa volta para assistir a nossa corrida. Libertemo-nos de todos os empecilhos e lancemo-nos à corrida com todas as forças. Cristo não desistiu diante das dificuldades, tampouco nós devemos desistir. Se nós sofremos, isto não significa que Deus não cuide de nós, mas sim que as cruces fazem parte da vida, pois somos criaturas. Portanto, nada de desânimo ou de desistência vai dizer Pedro em sua carta. Pedro, em sua carta número 1, diz que o cristão é capaz de se alegrar mesmo nos sofrimentos. Assim sua fé é testada e se mostra genuína. Os dias sombrios são breves em comparação com a alegria que nos espera, quando a esperança será realizada e entraremos na posse da herança prometida. Além do que disse Jesus: se amarmos o próximo, se tivermos compaixão do próximo, já estaremos vivendo o Reino aqui na Terra; todos os sofrimentos serão nada diante de nossa fé no Amor pregado por Cristo (1Pd, 22).

III - Ressurreição e fé para Pascal

1. Fé e amor caminham juntos?

A Graça de Deus é o grande tema dos melhores pregadores, ao passo que a fé do homem é o tema cotidiano da sua vida, ou não existe. O cristão, fundamentalmente, alimenta a sua fé com o amor a Jesus. Na realidade, os homens sempre alimentam sua fé com o amor daqueles que os amam. Fé, esperança e amor caminham juntos, mas qualquer um deles só existe se dirigido a alguém.

A fé, garantia única de algo que se espera, somente pode ser enriquecida com a confiança inspirada por aquele homem ou aquela mulher que é objeto do amor. E o cristão acredita que é alcançado também pelo amor de Jesus e confessa que tem fé neste amor. Se analisarmos a catequese apostólica dos quatro evangelhos sobre a Ressurreição de Cristo verificaremos que ela tem como ponto central a cristofania de “aparição de reconhecimento” (prova da Ressurreição) e a cristofania de missão (instrução de Jesus) ², numa demonstração de que a fé precisa ser alimentada pela simples razão de que ela só vive, revela-se, morre ou cresce através das provas “experenciadas” ao longo da existência de cada humano.

Marcos (16, 6-20) – primeiro testemunho de tradição sub-apostólica ³, (entre 40 e 50 EC) – conclui seu evangelho com o querigma da Ressurreição, em que a missão dada

por Jesus é primeiramente anunciada na manifestação de um anjo (Mc 16, 6) e às mulheres que muito o amaram. Em seguida, no versículo 9, é à Maria de Magdala, grande mulher que acompanhou Jesus em sua pregação e ficou junto ao túmulo até o terceiro dia, que Jesus aparece como ele mesmo: para uma fé e um amor tão grande uma recompensa de tamanho igual.

Mais tarde, o evangelista Mateus (28, 16- 20) – escrito entre 50 e 65 EC – apresenta a ressurreição de Cristo como a chave de todo o seu evangelho 4 (Ibid). O relato da Aparição (v. 18-20), muito breve em contraste com o de Lucas e João, mostra-nos os “onze discípulos” no encontro final com o Ressuscitado na Galileia (ponto de partida da missão), após uma ordem dada pelo anjo (Mt 28,7) e por Cristo (Mt 28, 10) às mulheres. Para Mateus, o importante é a prostração dos discípulos diante de Jesus glorificado. Tal reverência assume caráter de veneração amorosa-religiosa e litúrgica: “os Onze” entregam-se totalmente na fé ao Ressuscitado. Na cristologia de Mateus, o Mestre, Jesus é o intérprete escatológico da lei (de Deus), aquele que “guarda os mandamentos” (cf. 1 Jo 3, 22-23); é preciso guardar e proclamar a vida no Espírito do Mestre e Senhor: Ele nos ama e nos pede amor de uns para com os outros.

O terceiro evangelista, Lucas, cujo Evangelho deve ter sido escrito por volta dos anos 70 EC, em seu capítulo 24, versículos 13-56, apresenta-nos um texto dramático, onde o leitor é inserido como se vivesse a própria realidade da morte e glória de Jesus (Ibid). Em os discípulos de Emaús (v_13-35), Lucas quer que, pelo exemplo dos dois discípulos, o cristão entenda o essencial da catequese pascal, mostrando que é na Eucaristia que o mesmo vive a experiência da fé no Ressuscitado. Três temas determinam o sentidoteológico da narrativa: **Caminho dos discípulos** (em Lucas, o tema do caminho tem papel fundamental; Jesus faz um longo caminho de subida desde a Galileia até a cidade santa, Jerusalém, com seu Templo (ele mesmo) – sítio de revelação das cristofanias); os discípulos de Emaús vão a caminho de “olhos fechados” (v 16), “coração lento” (v 25). Na volta, depois do encontro místico com o Ressuscitado, indo para Jerusalém, o “coração estáardente” (v 32), os “olhos abertos” (v 31), a fé pascal vivida em toda a sua plenitude.

Lucas mostra, no diálogo com estes discípulos, que a carreira messiânica de Jesus é um caminho transcendental para a glória (v. 26): Jesus, filho de Deus sofre a paixão, ressuscita, aparece, desaparece, vem e “volta para o Pai” (v 49-51). **Querigma apostólico fundamentado na fé confiança:** Para Lucas, é de origem divina porque fundamenta-se nas instruções de Jesus Ressuscitado (Lc 24, 19-27, 44-49).

Com o intuito de transmitir o querigma, é que acontece a aparição pascal a Pedro e, mais tarde, o testemunho dos apóstolos. Para dissipar de uma vez por todas a dúvida dos discípulos de Emaús, Lucas coloca na boca dos Onze: “É verdade!” (o *ontos*, o que é), “O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!” (v. 34), ou seja, como é superficial (sem fé) o simples “olhar” do homem diante da transcendência de Deus.

A pregação apostólica primitiva lucana (cf. Atos 2-13) completa-se com o versículo 44, quando o Ressuscitado afirma que era preciso cumprir tudo que estava na lei, nos profetas e salmos, e que para entender isto era preciso abrir espiritualmente a mente (fidelidade, confiança, amor) através as suas instruções. **Reconhecimento na fração do pão:** No episódio de Emaús, o ato de Jesus partir o pão (v 30) mostra que todos os discípulos devem partilhar a mesma missão do Mestre. Esta partilha é a própria vitória do Ressuscitado, como foi profetizado no Antigo Testamento. E, após a partilha do pão, Jesus fica invisível para os discípulos (v 31); apesar de não ter mais presença terrena, o Cristo está e sempre estará conosco com sua presença vivificante. É preciso estar atento.

B – A aparição aos apóstolos (Lc 24, 36-53): Lucas aqui acentua o motivo apologético de sua narração (v 36-43).

- Jesus ressuscita e reaparece entre os seus em sua realidade corpórea (com as marcas da crucificação), justificando, assim, o paradoxo divino – “Vede.....Sou eu. Apalpe-me. ” (v 39-40).

- Jesus pede peixe para comer com os discípulos (v 41-43), a fim de acabar com a dúvida dos apóstolos, justificando, na partilha, o aprender com Jesus a “Crer” no Deus da vida, que é amor.

Depois o Cristo dá a sua instrução final: é o clímax literário do Evangelho lucano (v 44- 49). Após a explicação do mistério da paixão, à luz das Escrituras, o Ressuscitado proclama em seu nome, de forma universal, (a partir de Jerusalém), o perdão dos pecados pela confiança no Pai, semeando a esperança de Jesus contra toda esperança. O sentido do querigma está na investidura “da força do Alto” (v 49), pela vinda do Espírito Santo (At 1, 4-5). Finalmente, o Mestre separa-se dos apóstolos e ascende ao Pai (v 50-53) nos céus, glorificado como o Messias, e os discípulos, depois de se prostrarem diante de seu Senhor, o Sumo Sacerdote, voltam alegres para Jerusalém: o Senhor renovou a sua fé pascal pela palavra de vida plena.

Assim, a essência do Evangelho de Lucas está no ensinamento como o centro da revelação divina; no testemunho dos apóstolos, através a linguagem bíblica das aparições; na inserção do Ressuscitado na experiência espaço-temporal dos discípulos, se auto testemunhando e iluminando o sentido da fé no mistério pascal.

Quanto ao apóstolo João, encontramos em seu evangelho no capítulo 20, 19-29 as aparições de Jesus Ressuscitado em Jerusalém como o centro de toda a revelação; em que a essência do tema é a passagem progressiva do “ver humano” para o “ver da fé”, descobrindo aí o mistério de Jesus. O relato da aparição de Jesus Ressuscitado (v 19 -23) aos discípulos, no dia da Páscoa à tarde, nos seus aspectos fundamentais, corresponde às cristofanias de Mateus e Lucas. No evangelho, dito de João, temos duas cenas – a narrativa (v 19-20) e a doutrinal (v 21-23) –, correspondendo aos dois tipos de cristofanias, qual sejam, reconhecimento e missão. Na *cena de reconhecimento*, temos dois pontos importantes:

1º) A precisão de tempo de João sobre a vinda de Cristo (v 19) para realçar a exaltação do Dia do Senhor e a dimensão escatológica do acontecimento pascal (cf. At 20,7; 1 Cor 16,2): “Naquele dia” (da Ressurreição) começa a nova Páscoa (a judaica sabática morreu), a realização de todas as promessas messiânicas: “No princípio era o Verbo...”;

2ª) O lugar da cristofania: “Onde se encontravam os discípulos de portas fechadas, por medo dos judeus” (v 19). Apesar de sabermos que era Jerusalém, para o autor do quarto evangelho, o importante era a determinação de um fato teológico, qual seja, o medo do mundo que não crê (Jo 14, 27), que, no momento da palavra de Jesus “A paz esteja convosco” (v 19), desaparece e a tristeza transforma-se em alegria.

Jesus ainda *mostra* as marcas da paixão (v 20). Para João, “mostrar” é “revelar” a identidade do Ressuscitado como o crucificado: os discípulos viram o Senhor com as chagas (v 20) e tiveram fé no sentido salvífico dos acontecimentos passados. Quando nos versículos 21 a 23 Jesus sopra o Espírito Santo sobre os discípulos, ele dá nova vida aos homens que pela fé poderão integrar a comunidade santa de Deus.

Quanto à passagem da incredulidade de Tomé (v 24-29), onde, no versículo 27, o Ressuscitado censura este apóstolo por não ter querido acreditar nos outros discípulos, pois, no futuro, “o crer” teria que se basear apenas na experiência pessoal dos discípulos, os únicos a testemunharem Jesus ressuscitado. E, quando Tomé, agora tomado por grande emoção, fidelidade e confiança declara: “Meu Senhor e meu Deus”! (v 28) mostra-nos João que, na mesma medida que o Filho (o *Logos*, aquele que é) desceu à terra pela encarnação, agora voltará ao Pai, glorificado como Filho, pessoa divina.

Jesus proclama, então: “Felizes os que não viram e creram” (v 29), bem-aventurados os homens de todos tempos que, pelo testemunho e pelos “sinais” (cristofania litúrgica), poderão “ver espiritualmente” o mistério pascal de Cristo. Assim, João neste evangelho reelabora o dado do testemunho das Escrituras (v 9) cristologicamente, no qual só podemos cultuar o Ressuscitado (v 28) se este culto estiver fundamentado na comunhão do Filho com o Pai e na absoluta fidelidade, na fé que crê sem ver. A fé pascal cristã, como toda fé não é uma pedra preciosa que conservamos como adorno num canto da nossa casa; pelo contrário, é rebelde, agitada, turbulenta, vacilante, calma, rica ou pobre, como o nosso próprio sangue. Vive e morre dentro, conosco. Mas o cristão sabe que, essencialmente, o que alimenta a sua fé é o amor. Aquele que Jesus teve por Pedro para evitar que este, por sua incredulidade, afundasse nas águas (Mt 14, 27-33); ou que ele teve pela viúva de Naim (Lc 7, 11-17), para devolver-lhe o seu único filho, prematuramente arrebatado pela morte.

“Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Mt 27, 46), exclama Jesus nos limites de sua fé, quando está no alto da cruz. No mesmo instante, o amor tardio de um centurião leva-o a pegar uma esponja, embebê-la de vinagre, colocá-la na ponta de um caniço e lhe dar a beber. E o amor final de Deus Pai envia-lhe piedosamente a morte, quando Jesus clama outra vez com grande voz (cf. Mc 15, 37). Refletir sobre a fé pascal, sobre a fé de Jesus histórico e tantos personagens do Antigo Testamento e mesmo de milhares de desconhecidos da história é de difícil compreensão, tal como a própria vida. Mas, se não podemos entender que haja homens e mulheres vivendo por fé e também por amor, será, por acaso, mais fácil entender que haja homens e mulheres vivendo prazerosos no ódio, na destruição, na mentira ou no egoísmo?

O grande problema é que, paradoxalmente, há momentos em que a pessoa tem uma espécie de medo por viver na fé, pois nunca sabe como irá reagir ante as provações que a vida lhe reserva. Não somos gigantes nem campeões, somos humanos que a cada instante estão lutando contra a incredulidade. Afirmava Sartre que ninguém pode dizer o que é um homem até o dia em que este houver morrido; o poeta Unamuno louvava (et talvez invejasse) a fé do carvoeiro; Pirandello, talvez porque nunca teve fé, dizia que a vida é uma terrível farsa: sempre recomeçar, mas sempre sem sentido .

O homem de fé ingressa na grande nuvem de testemunhas depois que morre porque, só então, dele se poderá dizer que viveu “como vendo o invisível”; a fé do carvoeiro não é igual à do intelectual, mas também é inédita e pode ser mais forte que a deste. Mas pensando Pirandello, podemos perguntar: Será que não é pela vivência na fé,

“experenciada” no amor partilhado que podemos descobrir e dar sentido a nossa vida para evitar que se converta, por fim, numa terrível farsa?

IV - Conclusão

Enfim, ao nos propormos a refletir sobre o “o que é a fé?” e a “a necessidade da fé” dentro de uma perspectiva judaica-cristã, encontramos os heróis da fé bíblica observando-nos, apinhando-se a nossa volta para assistir a nossa corrida. É preciso libertarmo-nos de todos os empecilhos e nos lançarmos à corrida da vida com todas as forças. Ao nos adentrarmos na fé cristológica, percebemos que Jesus não desistiu diante das dificuldades, tampouco nós devemos desistir. Podemos refletir que, se nós sofremos, isto não significa que Deus abandona-nos, mas sim que as cruces fazem parte da vida, pois somos criaturas. Portanto, nada de desânimo ou de desistência, lembrando Pedro, o apóstolo, em sua carta.

Refletir sobre a fé bíblica, sobre a fé de Jesus histórico e tantos personagens do Primeiro e do Segundo Testamento, além de milhares de desconhecidos da história é de difícil compreensão, tal como a própria vida. Mas, tanto é difícil entender que haja homens e mulheres vivendo por fé (aqui incluindo a ideia de amor ao próximo), quanto entender que haja homens e mulheres vivendo no ódio. Talvez, para a total compreensão desta dualidade só recorrendo a um novo estudo: a interface do pensamento de Freud e Nietzsche.

Referências Bibliográficas

- ALVES, M. I. **Ressurreição e fé pascal**. Coleção Fundamenta, Lisboa: Edições Didaskalia, 1991.
- BARTH, Karl. **Carta aos Romanos**, 1967. Trad. Koller Anders, 5ª ed. Alemã, São Paulo: Fonte Editorial Com. Liv. Rel. Ltda, 1967.
- BINGEMER, Mª Clara L. ; FELLER, Vitor G. **Deus Trindade: A vida no coração do mundo**, 2ª ed. São Paulo: 2003.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**, São Paulo: Editora Vozes, 1993.
- CHEVITARASE André L. ; CORNELLI, G. **A descoberta do Jesus histórico**, São Paulo: Edições Paulinas, 2009.
- CIDADE DO VATICANO - Comissão Teológica Internacional – **Teologia hoje: perspectivas, princípios e critérios**, 2012.
- GERARD VAN GRONINGEN. **A revelação messiânica no Antigo Testamento**, Trad. de Claudio Wagner, São Paulo: Editora. Luz para o Caminho, 1995.
- JOSEFO, F. **A história dos hebreus** - de Abraão à queda de Jerusalém. Traduzido por Vicente Pedroso. 8ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004. (As citações bíblicas foram extraídas

da versão Almeida revista e corrigida, edição de 1995 da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

PANNENBERG, W. **Filosofia e teologia** – tensões e convergências de uma busca comum. São Paulo: Paulinas, 2008.

PIRANDELLO, L. - FERNANDES, M. **Vestir os nus**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Grupo Record, 1990.

ROUX, Jean-Paul. **Jésus**, Paris: Librairie Fayard, 1989.

SAGRADA ESCRITURA – **Bíblia de Jerusalém**, São Paulo: Editora Paulus, 2002.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. **Suma de Teologia**, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1990.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdighão, 4ª ed, Petrópolis: Vozes, 1990.

UNAMUNO, Miguel de. **El Cristo de Velazquez**. Madri: Editorial No Books, 1973.

A autora possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1975) e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979), graduação em Professor de Ensino Religioso pela Centro Universitário Salesiano (2004), especialização em Ciências da Religião pela Faculdades Integradas Jacarepaguá (2006). Atualmente é professor da faculdade de educação e teologia Fatun/Faculdade Kennedy e na Faculdade Scientia Espaço de Conhecimento e Desenvolvimento Humano. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia ético-político-social e psicanálise, atuando principalmente nas seguintes áreas: Brasil, psicopedagogia, gestão, educação, teologia, ciências da religião, sociedade-cidadania, psicanálise. Dissertação de Mestrado: O Problema da consciência na filosofia contemporânea no Brasil; Monografia em Ciências da Religião: A Religiosidade do homem brasileiro Projeto tese doutoranda: A Filosofia Renascentista e o ressurgimento do fenômeno psicológico como característica de humanidade.